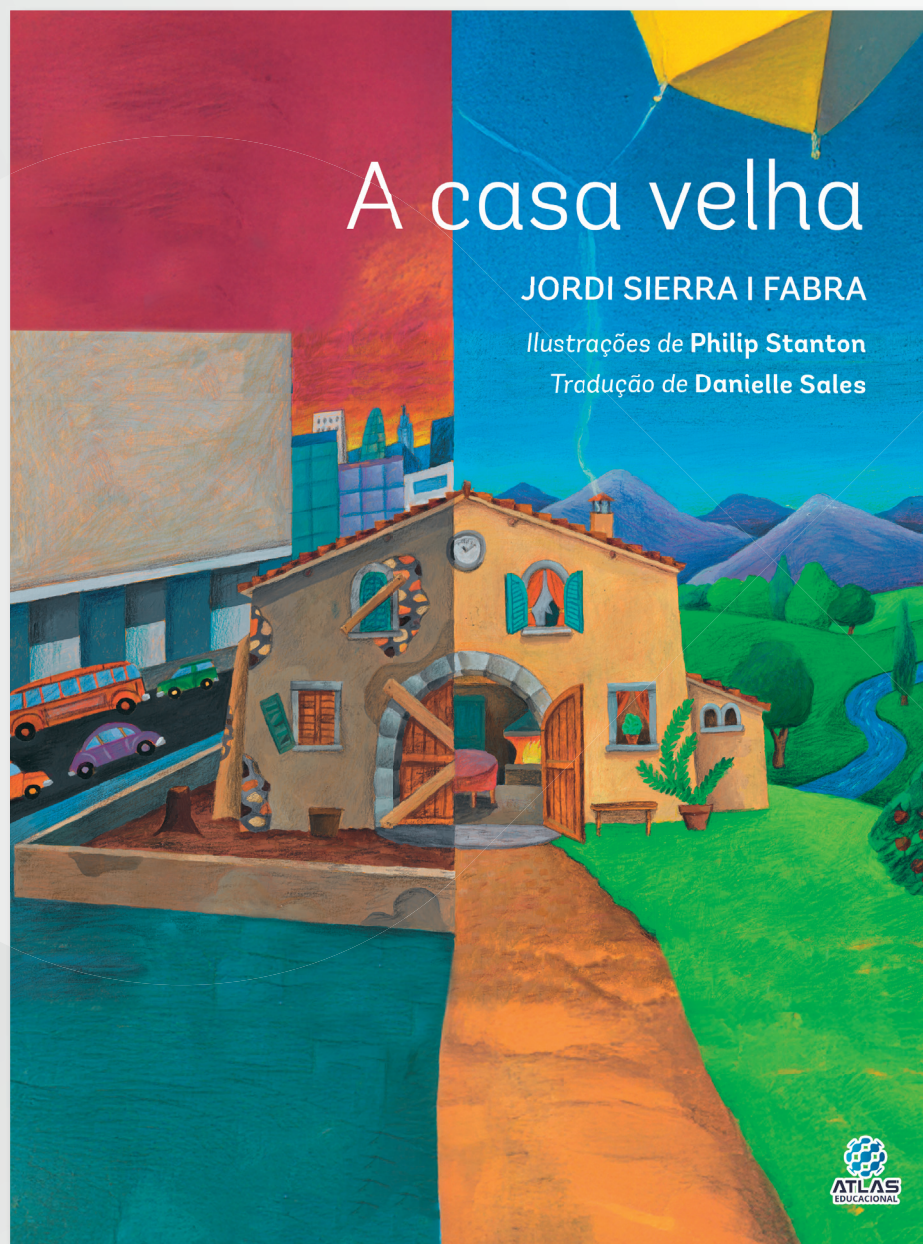


**CADERNO DE SUGESTÕES PARA O(A)
EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)**



**MATERIAL ELABORADO POR
FERNANDA EMEDIATO**

CARTA AO(À) EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)

Queridos(as) educadores(as) e mediadores(as),

É com alegria que apresentamos a obra *A casa velha*, de Jordi Sierra i Fabra, uma breve narrativa viva que convida à reflexão sobre a memória, o valor da preservação e a dignidade das coisas que, à primeira vista, parecem ultrapassadas. O conto nos coloca diante de uma casa antiga, esquecida e cercada pela modernidade que a sufoca, mas que, ao ser restaurada, ressurge como patrimônio vivo, símbolo de respeito e reconhecimento.

Do ponto de vista estético, a obra encanta pela linguagem alegórica, em que a casa ganha voz, sentimentos e pensamentos. Esse recurso abre espaço para que os(as) estudantes experimentem a literatura como território de metáforas e significados múltiplos, percebendo como a narrativa curta pode condensar emoções profundas e imagens poderosas.

No plano ético, a história nos fala de modo delicado, porém firme, sobre a importância de respeitar aquilo que carrega memória, história e identidade. A casa, alvo de zombarias e desprezo, representa tudo aquilo que é marginalizado pela pressa do “novo” e do “útil”. Ao final, sua transformação em patrimônio cultural nos recorda que a dignidade não se perde com o tempo e que o reconhecimento dos valores esquecidos é essencial para a convivência humana.

Por essas razões, a obra se insere no Objeto 4 – Anos Finais do Ensino Fundamental (6º e 7º anos), na Categoria 4 – Direitos Humanos, e no gênero conto. Trata-se de uma leitura potente para esse público, pois estimula a empatia, a reflexão crítica sobre o progresso e a preservação, além de suscitar diálogos sobre justiça social, respeito à diversidade e mediação de conflitos.

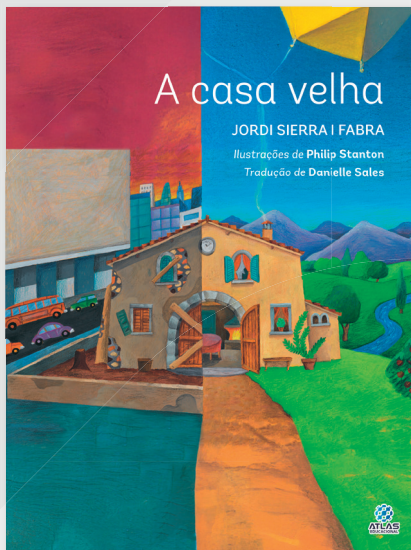
Desejamos que, ao mediar essa leitura, vocês possam despertar no corpo estudantil não apenas a atenção para o valor simbólico da casa, mas também a consciência de que cada ser, espaço ou história, por mais antiga ou invisível que pareça, guarda um significado que merece ser preservado.

Com estima e confiança no poder transformador das palavras, desejamos uma boa leitura.

Equipe editorial

CONTEXTO DE PRODUÇÃO, PERTINÊNCIA DA OBRA E PÚBLICO LEITOR

A obra



Título: *A casa velha*

Editora, edição e ano: Atlas Educacional, 2ª edição, Ribeirão Preto, 2025 (português)

Obra original: *La casa vieja*, 2015 (espanhol)

Autoria: Jordi Sierra i Fabra

Ilustrações: Philip Stanton

Tradução: Danielle Sales

Gênero literário: Conto

Categoria do PNLD Literário Equidade: Categoria 4 – Direitos Humanos

Objeto: Objeto 4 – Anos Finais do Ensino Fundamental

Sinopse:

Em meio ao avanço da cidade, uma antiga casa é esquecida, ridicularizada e quase demolida. Mas sua história guarda um valor que ninguém imaginava. *A casa velha* é um conto sensível e poético sobre memória, dignidade e o verdadeiro sentido de preservação.

Indicação pedagógica:

6º ao 7º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais (estudantes de aproximadamente 11 a 13 anos).

Pedagogicamente:

A obra aborda a relação entre progresso e preservação, o respeito à memória coletiva e ao patrimônio cultural, a valorização da dignidade do que é marginalizado, além de provocar reflexões sobre direitos humanos, diversidade e convivência. Ao dar voz a uma casa antiga, o conto estimula a imaginação, a empatia e a leitura simbólica, mostrando aos estudantes que toda história, seja de pessoas ou de lugares, merece ser reconhecida e respeitada.

O autor

Jordi Sierra i Fabra nasceu em Barcelona, em 1947. É um dos autores mais publicados e lidos em língua espanhola, com obras traduzidas para mais de vinte idiomas. Recebeu cerca de vinte prêmios por seu trabalho, entre eles o *The White Ravens*. Esteve na lista de honra da revista *CLIJ*; ganhou o Prêmio Edebé de Literatura Infantil em 1994 e 2006, o Prêmio Barco a Vapor em 1998 e 2010, o Prêmio *A la Orilla del Viento* em 1999 e o Prêmio Nacional de Literatura Infantil e Juvenil da Espanha em 2007. Também integrou a Lista de Honra da IBBY (Conselho Internacional de Livros para Jovens) em 2005 e 2011.

O ilustrador

Philip Stanton nasceu em Ohio, Estados Unidos, em 1962. Mestre em Belas Artes pela School of Visual Arts de Nova York, dedicou-se ao design, à pintura e à ilustração. Seu trabalho abrange projetos urbanos, livros infantis, cenografias e campanhas publicitárias. Participou de mais de sessenta exposições, colabora com jornais e revistas e, como ilustrador, publicou quase quarenta livros em editoras de diversos países.

A tradutora

Danielle Sales nasceu em São Paulo, Brasil. É tradutora, pesquisadora e editora, com trajetória consolidada nas áreas de Letras e Educação. Mestranda em Estudos da Tradução pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), desenvolve pesquisa voltada à historiografia da tradução e aos estudos feministas, investigando o papel das tradutoras no Brasil do século XIX. É graduada em Letras – Tradutor e Intérprete (Português-Inglês) e em Licenciatura em Letras pelo Centro Universitário Ibero-Americano. Possui especializações pela Universidade de Brasília (Educação de Jovens e Adultos) e pela Universidade Federal Fluminense (Educação a Distância). Atualmente, atua como editora na FTD Educação, com ampla experiência no campo editorial, sobretudo nas áreas de tradução literária, educação e formação de leitores.

Por dentro da história



A casa, personagem da história, ergue-se no vale como guardiã de memórias.

A casa velha, de Jordi Sierra i Fabra, é um conto delicado que fala, ao mesmo tempo, sobre o tempo, a memória e a dignidade. Sua protagonista não é uma pessoa, mas uma casa — e isso já abre um caminho literário cheio de simbolismos. A casa que sente e fala representa todos aqueles que, em algum momento, se tornam invisíveis aos olhos apressados do mundo.

No início, ela aparece descrita em sua plenitude: “No princípio, cem ou duzentos anos atrás, a casa era solitária. Solitária no meio de um lindo vale” (p. 8). Em torno dela havia jardins, riacho, bosques, encontros e histórias. Essa imagem poética evoca a infância e a sensação de pertencimento, quando cada lugar pode ser abrigo de memórias e afeto. Em sala de aula, esse trecho pode inspirar reflexões sobre a importância dos espaços de convivência e de como eles marcam nossa identidade.

Com o tempo, a cidade cresce, o riacho seca, os bosques perdem a cor, e a casa, antes centro de encontros, passa a ser ignorada e desprezada. As construções novas zombam dela, enquanto uma diz: “— Você é tão antiquada — um outro prédio zombou dela”, outra complementa: “— O que esperar de uma casa que deve ter quase trezentos anos?” (p. 21). Essa passagem traz à tona o preconceito contra aquilo que envelhece e pode ser lida como metáfora da falta de empatia com os idosos, tantas vezes desvalorizados quando deveriam ser reconhecidos por sua sabedoria e experiência. Em paralelo, remete também às crianças que sofrem por não se encaixarem em estereótipos, experimentando a dor de se sentirem diferentes. Aqui, a obra convida a discutir sobre respeito, diversidade e acolhimento.

O ponto de maior tensão chega quando uma das paredes da casa desmorona. Sua fragilidade, agora evidente, desperta ainda mais julgamento das construções vizinhas, que a acusam de ser perigosa e pedem sua demolição. A expectativa cresce: uns desejam seu fim imediato, outros sonham com um parque em seu lugar, muitos simplesmente preferem

ignorar. Tudo parece anunciar a ruína inevitável, e o leitor se vê diante de uma pergunta que ecoa também em nossas vivências: haverá espaço para aquilo que envelhece ou que não se adapta ao ritmo acelerado do mundo? Essa cena abre espaço para conversas sobre exclusão, invisibilidade social e as consequências da indiferença coletiva.

O enredo, porém, muda de tom. Em vez da esperada destruição, vem o cuidado: “Os operários não estavam usando seus martelos pesados nem suas picaretas afiadas. (...) Muito pelo contrário, eles as estavam reforçando” (p. 30). Esse momento traz uma virada cheia de esperança, mostrando que restaurar é também reconhecer a dignidade do que já existia. Para os estudantes, a cena pode ser um convite a pensar na importância do cuidado e da valorização daquilo que parecia condenado.

A revelação final transforma a casa em símbolo: “Então a velha casa soube que tinha sido transformada em um Monumento Público, um Patrimônio Mundial, Local de Interesse Turístico, Museu Nacional, entre outros títulos” (p. 38). O que antes era ruína agora é celebrado, e o invisível agora é reconhecido. A metáfora é poderosa: fala de inclusão, de diversidade e de direitos humanos, mostrando que todos têm valor, mesmo quando a sociedade insiste em ignorar.

No contexto escolar, *A casa velha* pode abrir conversas sobre memória, respeito, convivência e pertencimento. Pode tocar especialmente aqueles estudantes que, como a casa, sentem-se deslocados ou mal compreendidos. Ao partilhar essa leitura, o educador oferece não apenas uma história, mas um espaço de acolhimento, em que cada estudante possa reconhecer que também guarda, em si, uma beleza que merece ser preservada.

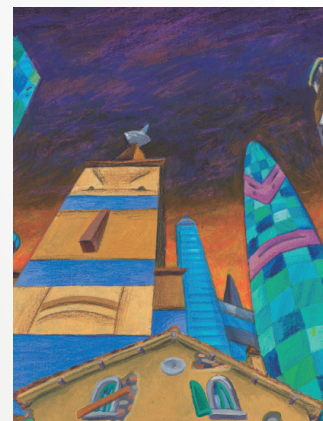
Que essa narrativa seja vivida em sala de aula como um encontro: o encontro entre uma casa antiga que se recusou a desaparecer e crianças que aprendem, pela literatura, que todo ser, toda voz e toda história têm direito a permanecer.

Qualidade do texto literário, seu gênero e projeto gráfico

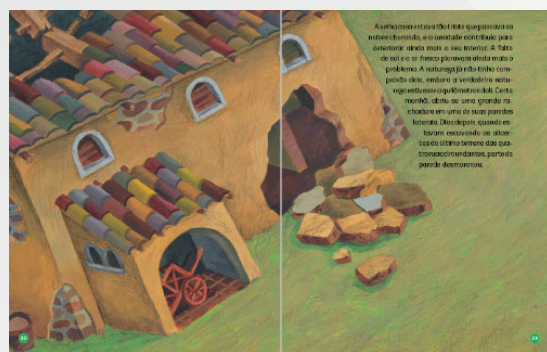
A casa velha apresenta um conto alegórico marcado pela concisão e pela intensidade simbólica. A narrativa explora, como conflito central, o choque entre o velho e o novo, com clareza e ritmo bem dosados, utilizando frases curtas que mantêm a atenção do leitor e favorecem a interpretação crítica.

O gênero do texto é enriquecido pela personificação da casa, recurso que aproxima o conto da fábula sem perder sua densidade literária. Essa escolha garante valor estético e formativo ao texto, permitindo discussões amplas em torno de direitos humanos, memória e dignidade.

O projeto gráfico complementa o enredo de maneira eficaz: as ilustrações de Philip Stanton, vibrantes e expressivas, reforçam a atmosfera simbólica da história e ajudam a visualizar o contraste entre a fragilidade da casa e a imponência dos prédios modernos. O equilíbrio entre texto e imagem facilita tanto a leitura autônoma quanto a mediação em sala de aula, tornando a obra acessível e instigante para os Anos Finais do Ensino Fundamental.



Entre gigantes modernos, a velha casa se vê diminuída.



Texto, ilustrações e projeto gráfico de *A casa velha* dialogam bem com estudantes do 6º e 7º ano.

JUSTIFICATIVA DA SUBMISSÃO DA OBRA: RELEVÂNCIA E ALINHAMENTO À CATEGORIA INSCRITA

A casa velha, de Jordi Sierra i Fabra, é uma narrativa que oferece aos estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental uma experiência literária que ultrapassa a simples leitura de um conto. Sua força está na capacidade de transformar uma casa em sujeito de sentimentos e destinos, permitindo que os leitores reconheçam, por meio da metáfora, situações de exclusão, preconceito e invisibilidade que atravessam a vida em sociedade.

A inscrição da obra na Categoria 4 – Direitos Humanos se justifica pela forma como a narrativa coloca em evidência a dignidade daquilo que é desprezado ou marginalizado. A casa, alvo de zombarias e julgamentos, simboliza pessoas e grupos que, em diferentes momentos da vida, sofrem com a falta de empatia, seja pela velhice, pela condição social ou pela não conformidade com padrões impostos. Ao final, sua transformação em monumento público traduz uma mensagem de reconhecimento, reparação e valorização daquilo que antes era invisível.

Trata-se de uma obra que convida os leitores a refletirem sobre equidade, respeito e inclusão, valores centrais no campo dos Direitos Humanos. O percurso da casa — da solidão inicial à consagração como patrimônio — permite discutir com os estudantes o significado de conviver com a diversidade, respeitar a memória coletiva e preservar o que dá identidade a uma comunidade. Assim, o conto estabelece uma ponte entre a experiência literária e dilemas reais vividos pelas crianças e adolescentes, que muitas vezes presenciam ou vivenciam situações de exclusão e desrespeito. Nesse sentido, a obra se articula ao que afirma a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), segundo a qual “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos” (art. 1º), princípio que pode ser traduzido em sala de aula como respeito às vozes que foram silenciadas e ao valor da diversidade.

Ao oferecer uma linguagem acessível, imagens simbólicas de grande impacto e um projeto gráfico que reforça a leitura crítica, *A casa velha* contribui para a formação leitora e cidadã. Não se trata apenas de fruir uma história poética, mas de construir, a partir dela, atitudes de empatia, de justiça social e de valorização das vozes que resistem ao apagamento.

Por essas razões, a obra se mostra plenamente alinhada aos objetivos do PNLD Literário Equidade, pois dialoga com os princípios de formação crítica e humanizadora que o programa busca promover. Seu potencial pedagógico reside em abrir espaço para que a literatura seja não apenas objeto de estudo, mas também caminho de transformação, ajudando os estudantes a compreenderem o mundo e a se reconhecerem como sujeitos de direitos.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE OBRAS LITERÁRIAS NA ESCOLA E NAS BIBLIOTECAS (ESCOLARES, PÚBLICAS, COMUNITÁRIAS) E O LETRAMENTO LITERÁRIO

A 6ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2024) revela um dado preocupante: em apenas quatro anos, quase sete milhões de leitores se perderam. Mais da metade da população não havia lido um único livro — impresso ou digital — nos três meses anteriores ao levantamento. Esse cenário evidencia a urgência de garantir às crianças o contato com obras literárias de qualidade e experiências de leitura que despertem encantamento, criem vínculos afetivos com a palavra escrita e consolidem hábitos duradouros de leitura.

Ler literatura com crianças é mais do que apresentar histórias: é abrir espaços de diálogo com a palavra, com o outro e consigo mesmas. Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, esse encontro adquire um valor singular. É nesse período que a imaginação se expande, que a escuta atenta se fortalece e que se constroem as bases para uma relação contínua com os livros, marcada pela curiosidade, pelo prazer estético e pela capacidade reflexiva.

Como lembra Antonio Candido (2004), a literatura não é privilégio, mas um direito humano, essencial à formação de sujeitos plenos. Esse direito se realiza quando crianças de diferentes realidades têm acesso a narrativas que acolhem, questionam e provocam, que oferecem sentidos para a vida e promovem empatia — valores que dialogam diretamente com a educação em Direitos Humanos.

O conceito de letramento literário, discutido por Rildo Cosson (2009) e Felipe Munita (2024), amplia essa perspectiva. Formar leitores literários não é apenas ensinar a decodificar palavras, mas possibilitar experiências em que a criança se deixa afetar pela força estética do texto, constrói sentidos em diálogo com a obra e aprende a ler o mundo a partir da literatura. Para isso, a mediação precisa ser intencional, sensível e dialógica, conduzida por educadores(as) e mediadores(as) que ofereçam tempo, espaço e escuta para que a leitura seja compartilhada e transformadora.

As bibliotecas escolares, públicas e comunitárias cumprem papel decisivo nesse processo, como ressalta Michèle Petit (2010). Mais do que espaços de consulta, podem se tornar refúgios simbólicos e territórios de resistência, sobretudo para crianças em situação de vulnerabilidade. Quando dinamizadas por mediadores atentos, tornam-se lugares de liberdade, imaginação e encontro com múltiplas vozes e culturas.

Teresa Colomer (2007) lembra que a literatura oferece modelos de mundo. Em cada personagem ou conflito, a criança encontra reflexos de seus próprios dilemas — o medo, a coragem, o desejo de pertencimento — ao mesmo tempo em que amplia sua visão de sociedade e de vida. É nesse cruzamento de identidades e diferenças que se constrói uma educação para a convivência, a equidade e o respeito.

No contexto do PNLD Literário Equidade, a leitura literária se afirma como prática de humanização. Cabe à escola, às bibliotecas e a cada educador(a) transformar livros em encontros vivos: ler junto, respeitar os silêncios, acolher dúvidas e celebrar palavras. Como lembra Silvia Castrillón (2024), ler é sempre um ato de resistência e de esperança. Ao colocar um livro nas mãos de uma criança, abre-se a possibilidade para que ela sonhe, questione, transforme e se reconheça como sujeito de direitos.

Essa é, talvez, a maior missão da literatura na infância: permitir que cada criança descubra a força de sua própria voz e aprenda a viver plenamente com ela a partir da leitura.

INDICAÇÕES PARA A EXPLORAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA EM CONTEXTOS ESCOLARES, COM ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO E PROPOSTAS DE PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA EM AMBIENTES EDUCATIVOS E COMUNITÁRIOS.

Indicação de idade, série e correlações possíveis em contextos escolares e bibliotecários

A casa velha, de Jordi Sierra i Fabra, é especialmente indicada para estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, 6º e 7º anos, com cerca de 11 a 13 anos. A narrativa alegórica e poética da obra dialoga de maneira significativa com as experiências dessa faixa etária, marcada pelo desejo de pertencimento, pelas dúvidas sobre identidade e pelo olhar mais crítico sobre a sociedade. Em contextos escolares, pode ser explorada em disciplinas como Língua Portuguesa, pela riqueza simbólica e estilística do texto; Arte, pela expressividade das ilustrações e pelas possibilidades de releitura visual e dramatização; História, pela reflexão sobre memória coletiva e preservação cultural; e Projeto de Vida, pelos valores ligados à dignidade, respeito e convivência. Em bibliotecas escolares e comunitárias, a obra pode ser utilizada em rodas de leitura, clubes do livro e encontros intergeracionais, favorecendo a escuta e a partilha de experiências.

Em contextos escolares:

No espaço escolar, a leitura de *A casa velha* permite trabalhar com os estudantes a relação entre progresso e preservação, a valorização da memória coletiva e o reconhecimento da dignidade daquilo que é marginalizado. As metáforas da casa — alvo de zombarias, fragilizada pelo tempo, mas reconhecida ao final como patrimônio — oferecem oportunidades para discutir direitos humanos, empatia e equidade de maneira acessível e significativa. A obra pode inspirar dramatizações em sala de aula, oficinas de ilustração, atividades de escrita criativa e rodas de conversa que relacionem o enredo a vivências pessoais. Além disso, pode servir de ponto de partida para projetos interdisciplinares sobre urbanização, sustentabilidade, diversidade cultural e convivência social.

Em bibliotecas públicas e comunitárias:

Nas bibliotecas públicas e comunitárias, a obra ganha novas possibilidades de mediação. O caráter simbólico da narrativa permite que seja lida tanto por crianças quanto por jovens e adultos, favorecendo atividades intergeracionais, em que diferentes idades compartilham memórias e perspectivas sobre o valor do “velho” e a importância da preservação. Podem ser realizadas sessões de leitura em voz alta, seguidas de conversas sobre a memória dos espaços da comunidade, oficinas artísticas em que cada participante desenha ou escreve sobre um lugar significativo de sua vida, e projetos de cultura de paz, nos quais a obra serve como mote para refletir sobre respeito e valorização do outro. Essas práticas contribuem para a democratização do acesso à leitura e para a construção de vínculos entre literatura, identidade e cidadania.



Sugestões de mediação em três momentos: pré-leitura, leitura e pós-leitura

Na pré-leitura, o mediador pode apresentar a capa e as ilustrações iniciais, instigando hipóteses sobre a história. Perguntas como “O que essa casa pode ter testemunhado?” ou “Por que será que ela parece tão diferente das outras?” ajudam a ativar os conhecimentos prévios e a curiosidade do grupo.

Durante a leitura, recomenda-se a leitura em voz alta, com pausas estratégicas para observação das imagens e comentários dos estudantes. O mediador pode propor perguntas abertas, como “O que a casa sente neste momento?” ou “Se fosse uma pessoa, como ela estaria se sentindo?”, incentivando a escuta e a reflexão coletiva.

Na pós-leitura, a obra se abre para múltiplas práticas criativas: os estudantes podem escrever cartas para a casa, dramatizar as falas das construções vizinhas, criar maquetes ou colagens que expressem a transformação da casa ao longo da narrativa e participar de debates sobre preconceito, empatia e valorização da memória. Essas atividades favorecem conexões com o cotidiano e estimulam a consciência crítica.

A leitura de *A casa velha* vai além do desenvolvimento de habilidades linguísticas: trata-se de formar sujeitos mais empáticos, críticos e conscientes, capazes de reconhecer a dignidade do outro e de valorizar a diversidade. A seguir, serão apresentadas três atividades completas, que podem e devem ser adaptadas de acordo com o nível e o perfil dos estudantes, lembrando sempre que cada mediação é única e ganha vida no encontro entre o livro, o(a) mediador(a) e o grupo leitor.

ATIVIDADES

Sugestão de atividade 1: Se as paredes falassem

Objetivos:

Promover a empatia e o respeito às diferenças a partir da metáfora central da obra *A casa velha*; estimular a escuta atenta e a convivência por meio de rodas de conversa e dramatizações; incentivar a expressão artística e oral dos estudantes em produções individuais e coletivas; refletir sobre a importância da preservação da memória, da diversidade e da dignidade como valores fundamentais para a vida em sociedade.

BNCC e princípios da Equidade:

A atividade contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes ao articular leitura literária, produção artística, oralidade e reflexão crítica. Envolve competências ligadas às Linguagens (leitura e interpretação de textos literários), às Artes (criação visual e dramatizações), às Ciências Humanas (memória coletiva, preservação do patrimônio, diversidade cultural) e ao Projeto de Vida (respeito, convivência e empatia). Está em sintonia com os princípios de Equidade previstos no PNLD, pois valoriza o acolhimento, o pertencimento, a escuta sensível, a justiça social e a inclusão, criando um espaço em que cada voz é reconhecida e respeitada.

Como fazer:

O(a) educador(a) ou mediador(a) inicia a atividade com a leitura em voz alta de trechos significativos da obra, valorizando as pausas e a observação das ilustrações, especialmente nas cenas em que a casa é desprezada e quando é finalmente reconhecida como patrimônio. Em seguida, promove uma roda de conversa com questões como: “Se a casa pudesse contar sua história, o que ela diria?” ou “Vocês já viveram uma situação em que só deram valor a um lugar ou a alguém depois de perder?”. Depois, divide a turma em pequenos grupos para a criação de diferentes releituras: um grupo pode dramatizar os diálogos entre a casa e os prédios; outro pode elaborar cartazes ou colagens que expressem os sentimentos da casa; outro pode escrever um “diário da casa”, narrando em primeira pessoa o que ela viveu ao longo do tempo. Ao final, realiza-se uma partilha coletiva, em formato de exposição dos trabalhos, encenação breve ou mural coletivo intitulado “Se as paredes falassem”, reunindo todas as produções.

Possíveis intervenções sociais:

A atividade pode se expandir para além da sala de aula por meio da criação de um projeto interclasse ou comunitário sobre “lugares de memória” do bairro ou da cidade, convidando famílias e comunidade a compartilhar histórias de casas antigas, praças ou espaços que carregam lembranças afetivas. Também pode resultar em uma exposição aberta na escola ou na biblioteca, em que os estudantes apresentam suas produções e reflexões, promovendo o diálogo entre gerações e reforçando a ideia de que todos os espaços e pessoas merecem reconhecimento e respeito.

Sugestão de atividade 2: Cartas para a casa

Objetivos:

Estimular a empatia e a escuta sensível a partir da escrita literária; incentivar os estudantes a se colocarem no lugar da casa, refletindo sobre sentimentos de exclusão, preconceito e reconhecimento; valorizar a expressão criativa, seja por meio da palavra escrita, da oralidade ou das artes visuais; promover a convivência e o respeito às diferenças, fortalecendo a noção de pertencimento e dignidade.

BNCC e princípios da Equidade:

A atividade contribui para o desenvolvimento das competências ligadas à leitura e produção de textos literários, ao exercício da oralidade e à expressão artística. Ao escrever cartas para a casa, os estudantes aprendem a articular emoções, reflexões e narrativas, desenvolvendo sensibilidade estética e crítica. A proposta se alinha aos princípios de Equidade do PNLD, pois valoriza a diversidade de vozes, promove o acolhimento e incentiva o reconhecimento da dignidade daquilo que é muitas vezes invisibilizado. Também dialoga com as áreas de Linguagens (produção de textos), Artes (possibilidade de ilustração das cartas), Ciências Humanas (reflexão sobre memória coletiva e patrimônio cultural) e Projeto de Vida (respeito, empatia e convivência).

Como fazer:

Após a leitura compartilhada da obra, o(a) educador(a) ou mediador(a) propõe uma roda de conversa breve, perguntando: “Se você pudesse falar com a casa, o que diria a ela?”. Em seguida, cada estudante escreve uma carta endereçada à casa. Alguns podem adotar o tom de consolo, outros podem dar conselhos, pedir desculpas ou agradecer. Para ampliar a experiência, os estudantes podem ilustrar suas cartas com imagens da casa em diferentes momentos da história (plena, abandonada, restaurada). Depois, realiza-se uma partilha: cada um lê sua carta em voz alta, ou o grupo pode montar um varal coletivo intitulado “Cartas para a casa”, exposto no mural da escola ou da biblioteca.

Possíveis intervenções sociais:

As cartas podem ser reunidas em um pequeno livreto coletivo da turma, que pode ser entregue à biblioteca da escola ou da comunidade, simbolizando a preservação da memória daquele trabalho. Outra possibilidade é organizar uma leitura pública das cartas, convidando familiares ou membros da comunidade para ouvir as vozes dos estudantes, promovendo o diálogo intergeracional e fortalecendo a ideia de que todo lugar, assim como toda pessoa, merece reconhecimento e cuidado.

Sugestão de atividade 3: Patrimônios que contam histórias

Estimular a pesquisa como prática de construção de conhecimento e valorização da memória coletiva; desenvolver a escuta ativa e a empatia ao registrar histórias de lugares e pessoas da comunidade; relacionar o enredo de *A casa velha* com a realidade local, promovendo o reconhecimento da diversidade cultural e a importância da preservação; incentivar a convivência e a cooperação em projetos coletivos de investigação e partilha.

BNCC e princípios da Equidade:

A atividade dialoga com competências ligadas às Ciências Humanas, às Linguagens e ao Projeto de Vida, incentivando a pesquisa, a produção textual e a expressão oral e artística. Ao investigar patrimônios locais, os estudantes fortalecem o pertencimento à comunidade e aprendem a respeitar a diversidade cultural, além de reconhecer diferentes formas de memória e identidade. A proposta se articula aos princípios de Equidade do PNLB ao valorizar vozes e histórias muitas vezes invisibilizadas, promovendo inclusão, respeito e justiça social.

Como fazer:

O(a) educador(a) ou mediador(a) propõe que os estudantes pesquisem espaços ou construções significativas do bairro ou da cidade — casas antigas, praças, escolas, igrejas, centros culturais ou qualquer lugar que guarde memórias. A pesquisa pode envolver observação direta, entrevistas com moradores mais velhos, registros fotográficos ou coleta de relatos orais. Em sala de aula ou na biblioteca, o grupo organiza os materiais coletados e estabelece relações com o conto, discutindo questões como: “O que esse lugar representa para a comunidade?”, “Quais histórias estão guardadas nessas paredes?” ou “Que semelhanças existem entre a nossa pesquisa e a história da casa do livro?”. Ao final, os estudantes produzem um painel coletivo, uma exposição fotográfica ou um mapa afetivo da comunidade, no qual cada espaço pesquisado é apresentado com imagens, textos e memórias.

Possíveis intervenções sociais:

Os resultados da pesquisa podem ser compartilhados em uma mostra cultural aberta às famílias e à comunidade, fortalecendo laços intergeracionais e o sentimento de pertencimento. Outra possibilidade é articular a atividade a projetos municipais de patrimônio histórico ou de cultura de paz, contribuindo para que os estudantes percebam seu papel ativo na preservação e valorização do lugar onde vivem.

INDICAÇÕES PARA A EXPLORAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS E COMUNITÁRIAS E SUA POTENCIALIDADE PARA O TRABALHO COM O LETRAMENTO LITERÁRIO

A casa velha, de Jordi Sierra i Fabra, oferece ao(à) educador(a) ou mediador(a) múltiplas possibilidades de mediação literária em bibliotecas públicas e comunitárias, pois trata-se de uma narrativa poética, simbólica e profundamente humana. Ao dar voz a uma casa que sente, sofre preconceitos e, ao final, é reconhecida como patrimônio, a obra abre caminhos para o diálogo sobre memória, dignidade e preservação, aproximando leitores de diferentes idades e formações.

O texto e as ilustrações, assinadas por Philip Stanton, favorecem a escuta sensível e o compartilhamento de sentidos. As imagens coloridas e expressivas dialogam com o enredo e permitem que os leitores construam coletivamente significados, explorando a relação entre ficção e vida. Em rodas de leitura, clubes do livro ou oficinas intergeracionais, o(a) mediador(a) pode incentivar o grupo a observar não apenas as palavras, mas também os gestos, as cores e as expressões visuais que dão corpo à narrativa.

A obra permite abordagens em diferentes linguagens: oralidade, com rodas de conversa e recontos; corpo e dramatização, com encenações curtas dos diálogos entre a casa e os prédios; memória, com relatos pessoais sobre lugares importantes da comunidade; e artes visuais, com colagens, maquetes ou cartazes inspirados no processo de transformação da casa. Essa diversidade de linguagens reforça o potencial da literatura como experiência estética e sensível, ampliando o alcance do letramento literário.

No campo teórico, a obra se alinha ao conceito de letramento literário discutido por Rildo Cosson (2009) e Felipe Munita (2024), que compreendem a leitura literária como experiência de diálogo, imaginação e multiplicidade de interpretações. Ler *A casa velha* em bibliotecas públicas ou comunitárias é criar oportunidades para que crianças, jovens, adultos, idosos e pessoas com deficiência participem ativamente da construção de sentidos, vivenciando a literatura como direito humano (Candido, 2004) e como ato de resistência e esperança (Castrillón, 2024).

Dessa forma, o(a) educador(a) ou mediador(a) pode articular práticas diversas: clubes de leitura, rodas de conversa, tertúlias literárias, oficinas de memória, saraus, festivais comunitários ou pequenas encenações teatrais, sempre adaptadas ao perfil dos leitores e ao espaço disponível. Em todos os casos, a obra favorece a criação de vínculos entre literatura e vida, fortalecendo valores de empatia, escuta, convivência e respeito à diversidade.

A seguir, apresentamos dois projetos de mediação que podem ser adaptados de acordo com o perfil dos leitores, os espaços disponíveis e os objetivos de cada instituição.

Projeto 1 – Memórias que resistem

Objetivos: Promover a empatia e a escuta a partir da metáfora da casa que narra sua própria história; desenvolver a expressão artística, oral e escrita por meio de releituras criativas; estimular a reflexão sobre convivência, diversidade e pertencimento; e valorizar a memória coletiva como parte da identidade cultural e social da comunidade.

Idade recomendada: A partir de 11 anos, abrangendo estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, jovens, adultos e idosos, em ações intergeracionais realizadas em bibliotecas públicas e comunitárias.

Princípios da Equidade: A proposta contempla inclusão, acolhimento e respeito às diferenças ao criar espaços de escuta coletiva e valorização das vozes de todos os participantes. Trabalha a diversidade cultural e social da comunidade e promove a justiça social ao estimular a preservação da memória e o reconhecimento da dignidade do que muitas vezes é invisibilizado.

Justificativa: Assim como a casa da obra, muitas pessoas, lugares e tradições da comunidade sofrem com o esquecimento ou a falta de reconhecimento. O projeto valoriza a literatura como espaço de reflexão crítica e de formação cidadã, alinhando-se à Categoria 4 – Direitos Humanos do PNLD Literário Equidade. Trabalhar com a metáfora da casa permite discutir exclusão, preconceito, memória e reparação, temas fundamentais para a formação ética e leitora dos estudantes e da comunidade.

Cronograma: O projeto pode ser realizado em quatro encontros semanais de 90 minutos cada, envolvendo leitura, conversa, pesquisa comunitária, produção criativa e partilha final em uma mostra coletiva.

Metodologia: Serão utilizadas práticas de mediação literária em voz alta, rodas de conversa, produção artística e escrita criativa. A cada encontro, o(a) educador(a) ou mediador(a) orienta os participantes na leitura, promove diálogos e estimula diferentes formas de expressão, respeitando os tempos e as características de cada grupo.

Etapas sugeridas

1. Leitura e escuta da obra

Leitura compartilhada de *A casa velha*, com pausas para observação das ilustrações e comentários coletivos.

2. Roda de diálogo

Conversa sobre os sentimentos da casa e os paralelos com pessoas e lugares da comunidade que já foram desvalorizados.

3. Pesquisa de memória

Levantamento de histórias de lugares significativos da comunidade, com entrevistas a moradores ou coleta de imagens.

4. Criação coletiva

Produção de cartas, desenhos, colagens ou pequenas dramatizações inspiradas no livro e na pesquisa.

5. Partilha final

Exposição aberta na biblioteca ou em outro espaço comunitário, reunindo as produções e relatos, para valorizar a memória coletiva e dar visibilidade às vozes locais.

Possíveis desdobramentos sociais: O projeto pode gerar campanhas comunitárias de preservação de espaços, exposições fotográficas, publicações coletivas ou oficinas intergeracionais que envolvam famílias, escolas e grupos locais. Também pode inspirar o fortalecimento das bibliotecas como lugares de memória, convivência e cultura de paz, consolidando sua função social como espaços de inclusão e equidade.

Projeto 2 – A voz da casa: *slam* da memória

Objetivos: Estimular a expressão oral e poética dos estudantes a partir da leitura de *A casa velha*; promover a empatia e a escuta sensível por meio da partilha de poemas autorais; refletir sobre memória, diversidade, pertencimento e direitos humanos; incentivar a convivência e a valorização das múltiplas vozes que compõem a comunidade, combatendo preconceitos e invisibilizações.

Idade recomendada: A partir de 11 anos, abrangendo estudantes do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, jovens, adultos e até idosos que queiram participar em experiências intergeracionais em bibliotecas públicas, comunitárias ou escolares.

Princípios da Equidade: O *slam* literário é, por si, uma prática inclusiva e democrática, qualquer voz pode se expressar, sem hierarquias. A proposta contempla princípios de diversidade, acolhimento e pertencimento, pois cria espaço para que diferentes perspectivas sobre memória, exclusão, empatia e dignidade sejam ouvidas. Além disso, promove justiça social e respeito às diferenças ao legitimar a palavra como instrumento de resistência e valorização identitária.

Justificativa: Assim como a casa do conto, que ganha voz e dignidade, muitas pessoas e grupos sociais precisam ter seu lugar de fala reconhecido. O *slam* é uma prática literária e cultural que valoriza a oralidade, a criatividade e a crítica social. Ao relacionar a obra com essa prática, o projeto fortalece o letramento literário e a formação cidadã, alinhando-se à Categoria 4 – Direitos Humanos do PNLD Literário Equidade.

Cronograma: O projeto pode ser realizado em três encontros semanais de 90 minutos cada, culminando em uma apresentação aberta à comunidade ou em um sarau coletivo.

Metodologia: Serão combinadas leitura literária, escrita criativa, práticas de oralidade e performance. O(a) educador(a) ou mediador(a) conduzirá rodas de leitura, oficinas de escrita poética e ensaios de apresentação, valorizando a espontaneidade e a diversidade de estilos.

Etapas sugeridas

1. Leitura e escuta da obra

Leitura coletiva de *A casa velha* e conversa sobre os sentimentos da casa, relacionando-os à experiência de pessoas ou grupos que sofrem preconceito ou exclusão.

2. Oficina de escrita poética

Os participantes escrevem poemas curtos inspirados na obra, respondendo a provocações como: “Se a casa tivesse voz, o que diria?” ou “O que em mim já foi desprezado, mas merece ser valorizado?”.

3. Ensaio de performance

Leitura em voz alta dos textos, com foco na oralidade, no ritmo e na expressão corporal.

4. *Slam* da memória

Organização de uma roda poética em formato de *slam*, em que cada participante apresenta seu poema. A ênfase não está na competição, mas no compartilhamento e na escuta coletiva.

5. Reflexão final

Roda de conversa sobre como a palavra pode ser instrumento de resistência, dignidade e transformação social.

Possíveis desdobramentos sociais: O *slam* pode se transformar em um sarau literário aberto à comunidade, em parceria com bibliotecas, centros culturais ou coletivos artísticos locais. Pode também inspirar a criação de um clube de *slam* escolar ou comunitário, ampliando os espaços de fala e escuta para diferentes gerações e grupos sociais. Essa prática fortalece a cultura de paz, a convivência democrática e o protagonismo juvenil.

MATERIAIS COMPLEMENTARES PARA MEDIAÇÃO

A seguir, apresentamos recomendações de materiais que enriquecem o trabalho com a obra, ampliam o repertório do(a) educador(a) e do(a) mediador(a) e favorecem novos caminhos de leitura e diálogo em sala de aula, bibliotecas e espaços comunitários. Esses recursos podem ser localizados facilmente por meio de buscadores de internet ou em acervos digitais. No caso de vídeos e *podcasts*, é importante lembrar que costumam estar alojados em plataformas de streaming ou canais educativos, permitindo acesso gratuito ou em versões abertas ao público.

LIVROS

ALKMIM, Leonardo. *Tia Margarete*. São Paulo: Troia Editora, 2025.

Narrativa que mescla humor e sensibilidade para tratar de temas sociais e familiares, favorecendo reflexões sobre identidade e convivência.

ALVES, Rubem. *Vamos construir uma casa? Doze lições para a educação dos sentidos*. São Paulo: Papirus Editora, 2023.

Com linguagem poética, o autor convida a refletir sobre moradia, pertencimento e imaginação, unindo ciência, afeto e cotidiano.

MACHADO, Ana Maria. *Bisa Bia, Bisa Bel*. São Paulo: Salamandra, 2007.

Clássico da literatura infantojuvenil brasileira que explora a relação entre gerações e a importância da memória familiar.

COSTA, Daniel Munduruku. *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória*. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

Narrativa afetiva e reflexiva que valoriza a sabedoria dos mais velhos, unindo memória pessoal, identidade cultural e pertencimento.

DEL PRIORE, Mary. *Uma história da velhice no Brasil*. São Paulo: Vestígio, 2025.

Obra que analisa a construção histórica da velhice no país, destacando aspectos sociais, culturais e políticos que marcam a experiência do envelhecer.

Os monumentos mais fantásticos do mundo. São Paulo: Publifolha, 2012.

Livro ilustrado que apresenta monumentos de diferentes países, explorando sua história, relevância cultural e simbolismo.

SITES

MUSEU DA PESSOA. *Museu da Pessoa: histórias de vida*. São Paulo, 2025.

Plataforma colaborativa que reúne e preserva relatos pessoais em texto, áudio e vídeo, constituindo um acervo de memória social e cultural. Disponível em: <https://mostra.museudapesoa.org/>.

VÍDEOS, FILMES E DOCUMENTÁRIOS

ILHA das flores. Direção: Jorge Furtado. [S. l.: s. n.], 1989. 1 curta-metragem. Disponível em: diversas plataformas de *streaming* e acervos educativos.

Curta-metragem premiado que, com ironia e impacto, denuncia contradições sociais e provoca reflexões sobre desigualdade, consumo e dignidade humana.

NOSSA terra. Direção: Vivi Rocha; Tiê Alves. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (4 min 58 s). Videoclipe musical que defende a preservação ambiental e alerta para os riscos da exploração indiscriminada da natureza.

TERRITÓRIO do brincar. Direção: Renata Meirelles; David Reeks. [S. l.: s. n.], 2015. 1 documentário.

Documentário que registra brincadeiras infantis em várias regiões do Brasil, revelando diversidade cultural e criatividade nas práticas lúdicas.

REDES SOCIAIS

ONU BRASIL. *Instagram*: @tonubrasil. Organização das Nações Unidas no Brasil. Perfil oficial que divulga campanhas e conteúdos sobre direitos humanos, sustentabilidade e segurança alimentar, aproximando temas globais de direitos da vida cotidiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Documento oficial que orienta os currículos escolares em todo o país, estabelecendo competências e habilidades essenciais para a formação integral dos estudantes.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

Legislação que assegura direitos fundamentais às crianças e adolescentes, reconhecendo-os como sujeitos de direitos e estabelecendo diretrizes de proteção integral.

BRASIL. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, 7 jul. 2015. Norma que garante às pessoas com deficiência igualdade de condições no exercício de seus direitos e liberdades fundamentais.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

Reúne ensaios críticos de referência. Destaca-se “O direito à literatura”, em que o autor defende a literatura como direito humano e bem coletivo.

CASTRILLÓN, Silvia. *Biblioteca na escola*. São Paulo: Pulo do Gato, 2024.

Reflexão sobre o papel social e emancipador das bibliotecas escolares, a partir de palestras e conferências da autora.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

Obra fundamental que discute a literatura na formação do leitor, apontando caminhos para o desenvolvimento da identidade e da imaginação.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

Apresenta fundamentos e metodologias para o ensino da literatura, ressaltando a importância da leitura como experiência estética e crítica.

MUNITA, Felipe. *Eu, Mediador(a): mediação e formação de leitores*. São Paulo: Solisluna, 2024.

Analisa experiências de mediação de leitura e destaca o papel do educador como mediador no fortalecimento da formação leitora.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2010.

Mostra a leitura como espaço de resistência, reconstrução simbólica e refúgio, especialmente para públicos em contextos de vulnerabilidade.

ONU. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Paris: Organização das Nações Unidas, 1948.

Documento internacional que estabelece princípios universais de dignidade, liberdade e igualdade, sendo referência ética para a educação em direitos humanos.